



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Tradução das Manhãs', de Gisela Ramos Rosa]

Maria Teresa Dias Furtado

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Teresa Dias Furtado, "[Recensão crítica a 'Tradução das Manhãs', de Gisela Ramos Rosa]", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 241-242.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Há a boca pisada de pedras
e o remorso
é uma parede mordida pelo eco.

A mulher fechou-se no quarto
com a noite entre as mãos.
Está funda na casa.

Mas a cegueira é ainda uma forma de ver.

Comparando este poema com o citado antes, separados que estão por cerca de quinze anos, seria lícito partir de tal confrontação para ver melhor o que é uma passagem de frases tensas onde a expressão metafórica tem o seu lugar (o que acontece em *Iniciação ao Remorso*) para uma sintaxe que cerceia e se torna fraturada ou rarefeita (como ocorre agora nos poemas de *Felonia*). Sendo assim, o que podia apresentar-se como um desenvolvimento ou intensificação semântica deflui para um envolvimento (e não desenvolvimento) expressivo que se polariza em certas palavras privilegiadas (e apontámos já algumas). Ora, é aqui que intervém aquela noção de intertextualidade. Seria demasiado fácil alargar essa noção a um quadro de influências que passariam pelas *Flores do Mal*, de Baudelaire, e iriam confluir na escrita ambigualmente poética de Artaud ou Jean Genet. Mas tal aproximação tornar-se-ia francamente aleatória. Porquê? Porque a noção de intertextualidade, no caso ocorrente, será mais bem entendida a um nível circularmente restrito. O círculo do próprio livro, onde se encontram sete livros. O leitor ideal talvez seja aquele que os leia pela sua ordem cronológica, porque essa ordem conduz do sentido — que através de imagens ou de metáforas ganha maior relevo nos primeiros livros — a uma maior fragmentação verbal, sendo o recurso à parataxe, tão evidente nos mais recentes livros, um sinal disso.

O que surge é, então, a rarefação verbal, aqueles lugares brancos do poema. E eles, afinal, são uma grande metáfora. A de

Deus (ou «deus», como escreve), a dos anjos ou a da fé, revelando-se num contexto que acaba por se tornar labiríntico ou fluido quanto ao seu sentido ou, melhor, à sua perda, a uma completa inanidade: «a rarefacção de deus», «os anjos da dirimicção», «uma fé / onde nidificam as deletérias flores / da abjuração».

Aqui a fascinação transforma-se em despojamento, e este é o caminho que vai da metáfora e da imagem para a palavra assumida como «concepção do erro», para que se saiba que «todo o horror é uma interpelação à beleza».

Na parte final de *Alvidrio* há um desenvolvido estudo crítico de José Rui Teixeira, que com rigor faz uma abordagem de todas as obras de Jorge Melícias, as quais, como se disse, estão recolhidas neste livro.

Fernando Guimarães

Gisela Ramos Rosa
TRADUÇÃO DAS MANHÃS

Lisboa, Lua de Marfim / 2013

Este livro de poemas de Gisela Ramos Rosa surpreende-nos pela linguagem trabalhada em estilo próprio, pela reverberação de sentidos, de imagens, de captações únicas da beleza não só das «manhãs», mas também dos vários momentos e lugares onde há começo e recomeço em «tradução» poética subtil e apropriada. «Traduzir manhãs» equivale a traduzir origens, terra, água, afetos, conhecimentos, descobertas, vivências. Traduzir vibrando, enumerando cenários, sortilégios, subtilezas. Transparecer a voz, a articulação única das palavras, o seu encadeamento por raciocínio, por emoção, por domínio do poético. Trazer para a superfície espaços conquistados no labor da palavra, da sintaxe própria, dos sons associados, serenos e vibrantes, sóbrios e radiantes. Leitura envolvente, cativante, interminável, plena.

E encontramos temas como liberdade e silêncio, música dos elementos, sombras, areia. Some-se quem escreve no que é escrito, dá-se lugar ao que acontece tanto no interior como no exterior. Não há lacunas, costuras, remendos. Livro de uma só peça, alternando poemas nunca demasiado longos com delicados dísticos de sabedoria, de uma serenidade de visão (como o da p. 17: «Oíço-te como se acabasse de nascer / nas mãos da palavra onde bordo meu ser»). Encontramos unidades de sentido inteiras, sem perder nada — por isso cita Rilke: «Cântico é existência», expressão próxima de outra do mesmo poeta, «espaço interior do mundo». Porque nada exclui, e abarca o belo, a verdade, o bem, em uníssono, com abertura e segurança.

Esta «tradução» é de um texto móvel no lugar e no tempo, tanto tem a ver com o hoje como com as origens, com a idade adulta como com a infância. O «original» deixa-se traduzir de várias formas, mas neste livro encontram-se belíssimos equivalentes em ritmo variado, pois tanto se usam encadeamentos como paralelismos, tanto é interpelado um tu como todos, tanto se utiliza o passado como o presente. O olhar que capta o «texto original» é amplo e versátil, sabe do amor e da dor, da alegria, da vibração, do encontro feliz. Os dísticos são microcosmos, os outros poemas são o cosmos, o recomeço, a procura do sentido e do caminho, a partilha da sede e dos nomes, o rasto da água, os canais da amizade. «sê a luz inteira» (p. 8), pois importa iluminar o mundo: «Amo o princípio evidente das coisas, dos seres / uma pedra, a boca, a baga desigual / na saliva dos homens dissolvendo os dias, / vou encontrando a luz, palavra ou barca, / atravessando o dia até ao lugar do visível, / por detrás dos olhos, onde todas as águas / se diluem / e encontram» (p. 10).

Traduzir é também recomeçar, refazer: «quero ser Eva e ave que esvoaçam / com

as palavras onde encontro o segredo interdito. / Desfaço as rotinas com o Sol e as asas / de todos os silêncios» (p. 16). Traduzir é ganhar asas, assumir o voo, ganhar altura: «as mãos podem revelar o fogo / como se um anjo tocasse a matéria / as mãos podem ser o voo» (p. 19).

«O mundo que somos» é um mundo em relação, implicando a pessoa e a natureza, a amizade: «se quiseres ser meu amigo não enxugues as mãos / abre os gestos e olha o centro dos mistérios / que de ti podem chegar a mim // sê pássaro peito e bússola / juntos cercaremos os montes e as flores / sem nos ausentarmos dessa imagem matriz // constrói um arco leve, um eixo de pólen / que dará amplitude ao voo / então, sem que nada nos falte, poderemos / falar sobre o mundo que somos» (p. 20).

A tradução poética tem igualmente consciência da dificuldade do seu próprio labor de encontrar «equivalentes» para o original que o poeta conhece: «tenho a língua suspensa nas margens / de um sabor longínquo de saliva e pétalas / onde busco a palavra e o pão // há gestos na língua onde encontro um sol / arquiteto da sombra onde esbato sentenças / opacas // tenho ainda uma rosa e um cravo na língua / com que teço filamentos da fala / e reclamo o mistério do verbo» (p. 21)

Este «reclamar» é uma exigência de fundo, baseada na autenticidade da procura de uma luz total. É uma demanda real, um pisar solo firme, para se lançar na infatigável aventura da procura da unidade pela palavra transfiguradora e viva, inovadora e luminosa, humana e sagrada: «o chão dos poetas é corpo que desarma e restitui / o sono lúcido aos lábios a língua que se abre ao Sol // o chão dos poetas é seiva que transfigura e religa / espírito e matéria cântico e mundo» (p. 29).

Maria Teresa Dias Furtado